

## Resenha

# Do relacional na Comunicação, do relacional em MD Magno

### As razões de um percurso intelectual

Letícia Perani<sup>1</sup>

Em julho de 1945, enquanto supervisionava os últimos detalhes para o lançamento das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki, ocorrido no mês seguinte, o engenheiro estadunidense Vannevar Bush publicou o ensaio “As We May Think”, na revista literária *The Atlantic*. Ao fazer referências cifradas ao desenvolvimento de dispositivos nucleares<sup>2</sup> – com a frase “(...) a construção de estranhos *artefatos*<sup>3</sup> destrutivos...”<sup>4</sup> (BUSH, 1945 [grifos nossos]) –, Bush afirmava que todo o enorme cabedal de conhecimento construído durante os anos da II Guerra Mundial deveria agora ser utilizado para o período de paz que se avizinhava, e propunha a construção do *Memex*, um arquivo complexo que conteria em si todo o conhecimento produzido pelo ser humano a partir de um dispositivo de buscas que funcionaria a partir de uma característica marcante da mente humana: a construção de *trilhas* (*trails*) de *associações* entre os temas buscados. A partir desta visão conceitual de “As We May Think”, que foi a base

---

<sup>1</sup> Professora Assistente (Instituto de Artes e Design/UFJF). Doutoranda (PPGCom/Uerj). Email: leticia.perani@ufjf.edu.br.

<sup>2</sup> “Trinity”, o primeiro teste de detonação de um artefato atômico, ocorreu em 16 de julho de 1945. Vannevar Bush foi um dos observadores do teste.

<sup>3</sup> A escolha desta palavra nos parece ter sido intencional – *artefato* (no original em inglês, *gadget*) era o código utilizado no Projeto Manhattan para se referir ao dispositivo nuclear pesquisado e construído pelas equipes deste esforço científico estadunidense; em especial, o dispositivo detonado no teste “Trinity” entrou para a história com esse nome [Nota da autora].

<sup>4</sup> Livre tradução de “(...) the making of strange destructive gadgets...”

para todas as pesquisas de caráter *comunicacional* das Ciências da Computação, ou seja, de desenvolvimento de níveis de interação entre humanos e máquinas, tornou-se impossível dissociar conhecimento e tecnologia – os avanços da computação entrecruzam-se com as mudanças sócio-culturais-financeiras-cognitivas da humanidade.

Tais modificações também provocaram mudanças em como pensamos os processos de Comunicação, trazendo novas perspectivas epistemológicas que marcam um distanciamento das correntes metafísicas e hermenêuticas que fundamentaram a área até então. Ainda no final dos anos 1940, a Cibernética de Norbert Wiener propôs o campo de pesquisa da Cibernética, focando-se especialmente em métodos de controle e regulação de organismos vivos – em especial, na *Cognição* humana – e em sua aplicação a máquinas que elaboram e/ou transmitem *informações*. Wiener foi categórico ao afirmar que, “se o século XVII e o início do século XVIII foram a era dos relógios, e o final do século XVIII e o século XIX constituem a era das máquinas a vapor, o tempo presente é a era da comunicação e controle”<sup>5</sup> (WIENER, 1965: 39). Assim, a partir do processo de lida com a informação, destacando o uso de fundamentos matemáticas para seu armazenamento, preservação e transmissão, ele propõe até mudanças nas formas de organização social.

A partir desse foco na informação como centro do processo comunicacional, pioneiros como Marshall McLuhan apresentaram, na segunda metade do século XX, uma nova perspectiva para esta área científica, que ainda lutava por sua constituição: um foco maior nas *materialidades* da comunicação, ou seja, em entender como os aparatos físicos influenciam nossa forma de construir e divulgar ideias. Isto, pensando em especial nas ações que estes

---

<sup>5</sup> Livre tradução de: “If the seventeenth and early eighteenth centuries are the age of clocks, and the later eighteenth and the nineteenth centuries constitute the age of steam engines, the present time is the age of communication and control”.

dispositivos comunicacionais têm sobre nossa cognição, nossos processos de percepção e apreensão do mundo. Tais perspectivas eram compartilhadas por outros companheiros de McLuhan da chamada *Escola de Toronto*, como Eric Havelock e Harold Innes, e estas influenciaram determinantemente o pensamento de várias escolas do pensamento comunicacional contemporâneo, em especial nas chamadas teorias de mídia alemãs, abrangendo o pensamento de autores como Vilém Flusser, Friedrich Kittler, Siegfried Zielinski, Wolfgang Ernst, entre outros. Também encontramos traços dessa influência na crítica literária de Hans Ulrich Gumbrecht, nos *software/platform studies* de Lev Manovich, Matthew Fuller e Ian Bogost, nos estudos de artemídia, nos *game studies*, na sociologia dos textos de D. F. McKenzie, nos estudos cognitivos interacionistas, na teoria Ator-Rede de Bruno Latour, na teoria vincular de Muniz Sodré, e até mesmo nos estudos aplicados à Comunicação da semiótica pragmaticista de Charles S. Peirce, entre outras propostas teóricas.

É claro que devemos observar com bastante cuidado as diferenças de constituição epistemológica de cada uma destas teorias – sabemos que partem de pontos de vista diferentes, têm objetivos bastante diversos, e podem também ter diferentes filiações a correntes filosóficas (especialmente em termos metafísicos) –, porém acreditamos que a preocupação com questões informacionais, cognitivas e de materialidade dos meios une todas essas propostas. Especialmente porque são teorias que pensam o processo de comunicação de uma forma *relacional*, ou seja, que promove cadeias de associações, com um foco não-hermenêutico de diversos graus de adoção / interesse, entre os vários aspectos inerentes ao processo comunicacional (as materialidades, a cognição, o imaginário, o social, o cultural, o político etc.). Assim, o foco dos estudos comunicacionais estaria na constituição destas verdadeiras *redes* de relações, de caráter particularmente *emergente*, não mais preocupadas com um *sujeito* totalizante, que nos permitiria abordar a enorme

complexidade do ato de comunicação, e todas as propostas acima citadas nos parecem ter em si a opção por essa perspectiva relacional para desenvolverem seus modos de operação teóricos.

A partir deste caminho das teorias comunicacionais contemporâneas, gostaríamos de acrescentar mais um pensador no rol daqueles que adotam uma perspectiva relacional em seu pensamento: o psicanalista brasileiro MD Magno. Em *Razão de um Percurso* (2015), lançado com a coautoria de Nelma Medeiros, que detalha em minúcias toda sua trajetória intelectual, as influências sofridas por Magno em relação a esse processo de mudanças epistemológicas provocado pelo advento da computação – que, ressaltamos, não atravessam apenas o campo comunicacional, como comprova a corrente filosófica da Ontologia Orientada a Objetos (*Object Oriented Ontology* – OOO), que empresta seu nome do padrão hoje predominante de programação computacional – ganham clareza na adoção do formato “mais acessível” de divulgação de seu projeto teórico proposto no livro. Sobretudo, quando se desvendam as origens dos conceitos-chave da Nova Psicanálise: a compactação de Freud e Lacan proposta por Magno, a partir de termos como *Artificialismo*, *IdioFormações*, *Revirão* e *Prótese*, nos demonstra uma profunda conexão com os percursos do pensamento da segunda metade do século XX, especialmente ao considerarmos as três bases das perspectivas relacionais, não-hermenêuticas, da Comunicação: informação, cognição e materialidades. De certa forma, o próprio Magno nos comprova tal fato ao ponderar que “(...) atravessamos momentos de pensamento, de produção do conhecimento, que estão sempre indefectivelmente na dependência de sua época. Não há como fugir da época em que alguém pensa alguma coisa” (MAGNO, 2015: 149).

Como um exemplo das conexões do psicanalista brasileiro com sua época de pensamento, tomemos sua fala de setembro de 1998, ao discutir o encerramento das atividades do *Seminário de Psicanálise*, que durante vinte e

dois anos foi realizado em diversos locais no Rio de Janeiro, até seu formato final como atividade do Programa de Pós-Graduação da Eco/UFRJ. Nesta ocasião, MD Magno declarou: “como eu sempre digo, *só há fatos, não há interpretações*” (MAGNO, 1998: 6 [grifos nossos]), em sintonia com o teórico alemão Hans Ulrich Gumbrecht, que, em palestra no Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária da Uerj, em 1992, afirma: estamos dando *adeus à interpretação* hermenêutica totalizante do mundo moderno, a partir de uma problematização convergente do ato interpretativo, já que “não mais procuramos identificar o sentido, para logo resgatá-lo; indagamos das condições de possibilidade de emergência das estruturas de sentido” (GUMBRECHT, 1995: 26). E, segundo o teórico alemão, esta constituiu uma das diferenças entre Freud e Lacan, pois o psicanalista francês faz um “(...) questionamento inicial dessa premissa” (*id.*, 1995: 20) – crítica esta aprofundada por Magno, especialmente ao dizer que

operamos com o pensamento, com processos de articulação que estão em crise permanente diante do reconhecimento de que o funcionamento do Inconsciente desliza e destrói (...) toda formação que se queira *metalinguística*, que é o termo que Lacan usa (MAGNO, 2015: 159).

Assim, os pressupostos epistemológicos se abalam, o que MD Magno reflete em sua busca pela *Gnômica*, uma teoria do conhecimento que se afasta da epistemologia tradicional, de seu foco no *sujeito*, para buscar todas as formações que constituem uma Pessoa (ou uma *IdioFormação*, no jargão da NovaMente). Para Potiguar Mendes da Silveira Jr,

O que interessa [na *Gnômica*] é a transa entre as formações – na qual pode estar presente uma ou mais *IdioFormações* – que pressionam, se articulam e configuram situações em função dos próprios processos em jogo nessa transa. Vê-se aí um diferencial claro para com as abordagens de base epistemológica, já que não se pressupõe um sujeito diante de algum objeto para que haja

conhecimento: são, sim, formações em transa resultando em conhecimento (2014: 170).

A Nova Psicanálise sempre transitou pelas questões de fundo comunicacional, especialmente a partir da constituição da *Transformática*, sua *teoria psicanalítica da Comunicação*, que tem como objetivo “(...) descrever, acompanhar e intervir nos processos de coleta e arquivamento das vinculações, transposições e jogos das formações” (ALONSO e SILVEIRA JR., 2014: 54) – e cujo nome foi inspirado nas formas de registro e armazenamento da Informática (cf. BEVIDAS, 2000: 6-7) –, mas a trajetória teórica descrita por Nelma Medeiros e pelo próprio MD Magno em *Razão de um Percurso*, e seus tensionamentos que levam a diversos pontos de conexão que podemos encontrar com as teorias ditas *relacionais* da Comunicação, nos leva a fazer a seguinte consideração: a partir do momento que Magno diz que a análise opera com *processos de articulação* do pensamento (2015: 159), que nos parece intrinsecamente conectado com a mesma forma de ação epistemológica incomum que constrói os entendimentos destas teorias comunicacionais – que não se fixam apenas em um sentido constituído, e sim em como os aspectos do ato de comunicação interagem, se influenciam mutuamente, e nos resultados emergentes dessas interações – não seria então a NovaMente uma *teoria comunicacional da Psicanálise*? Se a comunicação, hoje, opera sob os pilares da informação, cognição e materialidade – temas estes que percebemos sempre presentes no percurso de MD Magno –, é possível concluir que o psicanalista brasileiro também opera sua *Gnômica* dentro destes rumos. Magno também é um pensador *relacional* – que opera em suas cadeias de associações, tal como previsto no projeto visionário de Vannevar Bush há 70 anos.

## Referências

ALONSO, Aristides; SILVEIRA JR., Potiguara Mendes da. Os vínculos, a massa, as manifestações: teoria da comunicação e psicanálise. *Contemporânea: Revista do PPGCOM / UERJ*, ed. 24, vol.12, n.2, 2014, p. 50-63 (ISSN 1806.0498). Disponível também em: Anais do XXIII Encontro Anual da Compós. Belém: UFPA, 2014.

BEIVIDAS, Walter. Uma nova mente nos estudos em Comunicação: a Transformática. *Lumina*, v. 3, n. 2, jul/dez 2000. p. 53-67.

BUSH, Vannevar. As We May Think. *The Atlantic Monthly*, jul. 1945. Acesso em 11/11/2015: <http://www.theatlantic.com/magazine/archive/1945/07/as-we-may-think/303881/>

GUMBRECHT, Hans Ulrich. O Campo Não-Hermenêutico/Adeus à Interpretação. *Cadernos da Pós/Letras (5)*. Rio de Janeiro: UERJ, 1995.

MAGNO, MD. *O fim, NovaMente....* Transcrição de fala no *Seminário* do dia 17/09/1998. Rio de Janeiro: Novamente, 1998.

MAGNO, MD; MEDEIROS, Nelma. *Razão de um percurso*. Rio de Janeiro: Novamente, 2015.

SILVEIRA JR., Potiguara Mendes da. Poder das formações: o artista, o rei, a rainha, o quadro, o filme.... *Revista Famecos*, v. 21, n. 1, jan/abr. 2014. p. 165-185.

WIENER, Norbert. *Cybernetics: or control and communication in the animal and the machine*. Cambridge: The MIT Press, 1965.